

LE BON PLAISIR DO GEÓGRAFO YVES LACOSTE¹ PARTE II

Transcrição, tradução e adaptação de
Florence Baltz Zanotelli
e Cláudio Luiz Zanotelli.²

INTRODUÇÃO DOS TRADUTORES

Esta entrevista dá continuidade à que foi publicada no primeiro número da revista *Geografares*³. Uma outra parte da entrevista será publicada no próximo número da revista.

Gostaríamos de mais uma vez agradecer a gentileza e a confiança do professor Yves Lacoste que nos autorizou traduzir esta entrevista, concedida a uma rádio francesa, bem como nos permitiu publicá-la com exclusividade na revista do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

A entrevista sofreu algumas adaptações. Suprimimos certas citações de textos, poemas e músicas presentes na gravação original. Visto que a gravação foi realizada por meio do rádio, algumas passagens não compreendidas foram eliminadas.

A entrevista faz parte do clássico programa *Le Bon Plaisir*, da rádio *France Culture*. Esse programa é organizado em diversos blocos, nos quais Yves Lacoste conversa com convidados ilustres, escolhidos por ele e a direção do programa. Por essa razão, também optamos por

apresentar a entrevista em forma de blocos, cada um com convidados diferentes. Portanto não se pode esperar uma continuidade de assuntos e temas ao longo da entrevista. Todas as notas de rodapé são dos tradutores.

— • • • —

Em primeiro lugar as montanhas, o Mediterrâneo se define como um mar entre terras, cercado por elas, porém tem-se que distinguir entre essas terras envolvendo e comprimindo o mar. O Mediterrâneo é, em primeiro lugar, um mar entre as montanhas. É importante assinalar isso no plano da história, pois ordinariamente se negligencia esse fato e suas numerosas conseqüências. Acrescentemos que são altas, largas e intermináveis montanhas: os Alpes, os Pirineus, os Apeninos, os Alpes Dináricos, o Cáucaso, as montanhas da Anatólia, do Líbano, os Atlas e as cordilheiras espanholas. São potentes e exigentes personagens, uns por causa de sua altitude, outros por causa de suas formas compactas ou de seus vales pouco acessíveis, profundos, encaixados. As montanhas

1. Programa especial da Radio France Culture – *Le Bon Plaisir* (O deleite), sobre Yves Lacoste (30/4/94), Paris, França.

2. Florence Baltz Zanotelli é professora da Aliança Francesa e do Curso de Francês do Centro de Línguas da UFES e Cláudio Luiz Zanotelli é professor doutor do curso de Geografia da UFES.

3. *Geografares*, Vitória, n. 1, 2000. p. 7-20.

voltam para o mar seus rostos imponentes e rebarbativos. Assim, o Mediterrâneo não é somente paisagem das vinhas, de oliveiras e dos vilarejos urbanizados, suas franjas, mas também, bem próximo, colado a ele, este alto país espesso, esse mundo empoleirado e erigido de muralhas, com poucas casas e seus vilarejos e seus nortes verticais. Nada ali lembra o Mediterrâneo onde florescem os laranjais. Os invernos ali são impressionantes, a neve cai abundantemente no Atlas marroquino quando Leão, o africano⁴, transpondo-o no inverno, teve a má sorte de ter roubada sua bagagem e suas roupas. Mas, qual viajante do Mediterrâneo não conheceu, também, essas avalanches da estação ruim, as estradas bloqueadas, paisagens siberianas e polares a poucos quilômetros da costa ensolarada? As casas montenegrinas esmagadas sob a neve, ou na Cabilia⁵, confluyente de vastos turbilhões, onde cai em uma noite até quatro metros de neve.”⁶

FERNAND BRAUDEL
(O Mediterrâneo)

—•—•—

YVES LACOSTE, O MARROCOS E O TERCEIRO-MUNDO

J: JORNALISTA

YL: YVES LACOSTE

SA: SADEK HADJERES

J: Por que você, Yves Lacoste, quis que Sadek Hadjeres estivesse presente aqui? Principalmente pelo fato de vocês não se verem há anos? Talvez seja uma velha história, mas ela é verdadeiramente tão antiga e tão distante?

YL: Efetivamente, havia 40 anos que não nos víamos; a presença de Sadek Hadjeres aqui é importante para mim, em primeiro lugar porque ele me lembra uma parte fundamental de minha vida, é um pouco minha bagagem intelectual, o Magreb⁷. Hadjeres é argeliano, minha infância é marroquina, para mim isso contou muito.

J: Então é completamente lógico reencontrar você, Yves Lacoste, na Universidade de Argel nos anos 50.

YL: Sim, eu deveria ter ido ao Marrocos. Eu não conhecia a Argélia e não tinha, portanto, nenhuma razão para ir para lá, mas, como nos anos 1952-1953, começava no Marrocos o que se designou como as “perturbações”, que deviam preparar e anunciar a independência, meu diretor de tese, Jean Dresch, disse que eu não fosse ao Marrocos, pois eu não poderia fazer meu trabalho de campo naquela época, por causa desses acontecimentos. Assim ele me propôs ir à Argélia, onde eu estaria tranqüilo.

SA: De fato, eu me lembro desse período. O jornal *Le Monde*⁸ dizia que entre o Marrocos e a Tunísia, que se incendiavam (referência ao movimento de luta pela independência desses países), havia a Argélia, como um “oásis” de país⁹. Nós não achávamos que a Argélia fosse um “oásis” de país. Na época, para demonstrar esse fato, nós trouxemos uma delegação francesa bem representativa da sociedade. Nesse grupo havia cristãos, o professor Yves Lacoste e sua esposa, havia alguém da Revista *Esprit*, o Sr. Domenach e outros. Muitos intelectuais argelinos e franceses acolheram essa delegação para discutir com eles a nossa situação.

YL: Havia o escândalo das eleições, um certo tipo de autonomia da Argélia¹⁰. A primeira medida da assembléia argeliana foi a de decidir que as leis francesas não se aplicariam na Argélia. Isso era completamente demagógico. Essa medida tinha o propósito de impedir que as leis sociais, a indenização dos desempregados e contribuições sociais à família fossem aplicadas aos argelinos. Assim, nesse contexto, naquela época, como muitos jovens intelectuais, eu era membro do Partido Comunista Argelino. Como membro do Partido Comunista na França, *ipso facto*, eu me vi membro do Partido Comunista Argelino, sem conhecer nada desse partido e da Argélia. E eu devo dizer que foi com esses camaradas do Partido Comunista Argelino e notadamente com Hadjeres e alguns outros que estabeleci relações

4. Geógrafo árabe. Autor de uma descrição da África. Nasceu em Granada em 1483 e morreu em Tunis em 1552.

5. Região do Norte da Argélia.

6. Não conseguimos identificar no livro *O Mediterrâneo*, de Fernand Braudel, a passagem acima referida, por isso mesmo realizamos a tradução do texto lido em francês durante a entrevista de Yves Lacoste à Rádio France Cultura. Essa obra foi publicada em francês: Braudel, Fernand. *La Méditerranée: l'espace et l'histoire et les hommes et l'héritage*. Paris: Flammarion, 1986. Em português ela foi publicada em 1988: Braudel, Fernand. *Os homens e a herança no mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 2 v.

7. Região que compreende os países do norte da África: Marrocos, Argélia e Tunísia.

8. Jornal francês de grande circulação e reputação, com forte penetração nos meios intelectuais.

9. No sentido de um país calmo, país de bonança.

10. A Argélia era, como o Marrocos e a Tunísia, uma colônia francesa. Nessa época os movimentos independentistas eram fortes e a luta pela independência desses países se consolidava. A Argélia, pelo fato de ser a mais importante colônia francesa da África, contava com uma forte presença de franceses sobre seu território, sobretudo de grandes proprietários agrícolas. Em função do que foi descrito, a descolonização do país foi a mais complicada em razão da resistência dos franceses que ali viviam havia várias décadas. Por isso mesmo, a independência da Argélia somente foi consumada em 1962.

de amizade, no momento em que meus colegas *pieds noirs*¹¹ me mantinham a distância. Foi graças a esses amigos que mais tarde realizei um encontro extraordinário com um grande historiador *magrebino*¹² da Idade Média (século XIV), que se chamava Ibn Khaldun e que iria ter na minha vida um papel considerável. Lembro-me de um dia, quando preparavam uma pequena revista, que se chamava *Progresso*, revista cultural argelina, em que me disseram: “Já que você passou uma *agregação*¹³ de História e Geografia, você não poderia escrever um *paper* sobre Ibn Khaldun?”

J: *Mas eu penso, Yves Lacoste, que você e Hadjeres viveram depois desses anos todos de evoluções políticas diferentes. Você foi membro do Partido Comunista em 1952 e 1953...*

YL: Concluindo sobre esse ponto: eu deixei o Partido Comunista Francês quando retornei para a França. Eu praticamente fui expulso da Argélia, o que, talvez, tenha salvado minha vida, sobretudo quando penso no destino de Maurice Audin.

SA: Certamente, Maurice Audin fazia parte desse grupo de intelectuais ao qual nos referimos mais acima.

YL: Comparar-me a Maurice Audin seria completamente incongruente. Eu saí do Partido Comunista Francês em 1956, não por causa do que ocorreu em Budapeste¹⁴, eu o confesso, com muita pena, mas não compreendi nada de Budapeste. Naquela época me deixei iludir por certas coisas que me contavam. Saí do Partido Comunista Francês porque, em 1956, ele votou – acreditando estar fazendo uma boa coisa, eu não o estigmatizo –, os poderes especiais solicitados pelo Presidente do Conselho¹⁵, Guy Mollet, para levar adiante a guerra na Argélia. O Partido Comunista votou nessa proposta considerando que seria o único meio de colocar fim às ações dos grandes colonos de origem francesa na Argélia. Isso foi um erro.

SA: Foi um erro.

J: *O que você fez, Hadjeres, depois daquela época?*

SA: Eu fui praticamente levado pela tormenta da guerra de liberação, pois fiquei sete anos na clandestinidade, trabalhando na Organização do Braço Armado dos Combatentes da Liberação, na qual eu era o responsável adjunto. Depois da independência¹⁶, tive dois anos e meio de vida legal e, em seguida, houve o golpe de Estado de Boumediene, em 1965. De novo, caí na clandestinidade, durante 25 anos, donde saí em 1989. Eu era o primeiro secretário do partido *d’Avant Garde Socialiste*, que veio em seguida ao Partido Comunista Argelino e não creio que nossos caminhos divergissem do ponto de vista das idéias. Simplesmente o que foi conjuntural foi o comportamento dos partidos.

Eu concordava sempre com a orientação do Partido Comunista Argelino, pois lutávamos pela democracia e, nesse sentido, estávamos em desacordo com o Partido Comunista Francês. Não estou falando do período da guerra, quando havia algumas divergências. Havia nessa época solidariedade, mas depois do 19 de junho de 1965, depois do golpe de Estado na Argélia e, sobretudo, cinco anos mais tarde, a partir dos anos 1970, 1972 e 1973, o Partido Comunista Francês julgava que a Argélia estivesse no caminho do socialismo; é o que tinha declarado Georges Marchais¹⁷ em Berlim. Nós considerávamos isso totalmente errado e, então, durante 17 anos foi a ruptura com o Partido Comunista Francês.

J: *Como se pode passar 25 anos na clandestinidade em seu próprio país?*

SA: A gente se pergunta como, o fato é que a gente passa, e depois nós tomamos consciência de que os anos passaram...

J: *E agora você está na França?*

SA: Sim, no fim de 1991, eu já tinha quase 50 anos de vida militante, comecei em 1943, na juventude do Partido Popular Argelino (PPA), como nacionalista, e depois pensei que 50 anos como ativista já era suficiente. O ativismo empobrece a reflexão. Mais tarde, diferentes circunstâncias fizeram com que tivesse vontade

11. *Pieds Noirs* é como se costumou chamar os franceses e descendentes de franceses vivendo na Argélia ou ali tendo nascido desde a época do início da colonização francesa, no século XIX. Com efeito essa foi uma das poucas ex-colônias francesas onde houve uma colonização de povoamento.

12. Pessoas nascidas no Magreb.

13. Concurso nacional da seleção de professores para os liceus e as universidades francesas.

14. Budapeste, capital da Hungria, que era um país “comunista”, foi palco de manifestações importantes da população contra o regime em 1956. Essas manifestações foram reprimidas de maneira feroz.

15. O Presidente do Conselho equivalia, na França, ao cargo de Primeiro Ministro. Naquela época a França tinha um regime parlamentarista.

16. A independência da Argélia foi conquistada em 1962, depois de uma sangrenta guerra na qual morreram centenas de milhares de argelinos e cerca de 50 mil franceses.

17. Ex-secretário geral do Partido Comunista Francês.

de decantar um pouco minha experiência e de estudar, de ler, porque o ativismo não permite verdadeiramente olhar os fatos à distância.

J: ...de parar, em todo caso, para refletir, e de colocar as coisas na perspectiva uma das outras.

SA: Esse projeto me permitiu em seguida reencontrar velhos amigos. Mas nosso encontro foi o encontro de duas correntes de idéias que estavam à procura do historiador e de um ideal. Esse encontro fez com que a gente se interessasse, um e outro, por Ibn Khaldun, que não era conhecido. Havia na época um europeu, gerente da revista para a qual nós havíamos feito o artigo sobre Khaldun, que mais tarde foi convocado pelo juiz para explicar sobre o que era essa revista. Ele não sabia nada, nós o tínhamos colocado como gerente formalmente, era um espanhol de Babeloued. Um pouco antes de ir ver o juiz ele nos perguntou sobre o que é que deveria dizer. Nós sugerimos que ele falasse que havia artigos diversos e *prolegomenos*. Ele não sabia o que significava essa palavra e, diante dos juizes, ele disse: Na revista tem *prolegomos* etc. Ibn Khaldun nós conhecíamos de nome por meio de historiadores e geógrafos franceses. A única coisa que sabíamos dele é que tinha dito: “Onde os árabes¹⁹ chegam há desolação, há ruína.”

J: *Que a Argélia não tinha nenhum futuro sozinho.*

YL: Que os árabes na Argélia eram invasores, que tinham semeado a ruína e que a colonização francesa, em acantonando os nômades, fazia a assimilação árabes/nômades, e tinha um papel histórico positivo, fazendo como os legionários romanos.

J: *Camille Lacoste-Dujardin, você inicialmente era geógrafa?*

CAMILLE LACOSTE-DUJARDIN (CLD): Era. O primeiro trabalho que fiz foi sobre Casablanca¹⁹, centro financeiro, um estudo de geografia dos capitais, mas isso não teve continuidade. Eu tinha a preocupação de me aproximar das pessoas, os capitais estão um pouco

longe das pessoas, por isso mesmo eu me tornei etnóloga.

J: *Mas você não se transformou em etnóloga porque tinha que ter um campo de estudo para si mesma, pelo fato de ter um marido que é geógrafo e que tem seu próprio campo. Nós precisamos afirmarmo-nos, não é?*

CLD: Sim, pode ser, mas isso é uma coisa constante na vida. No início, o problema foi muito mais encontrar uma orientação, e de fato nós tínhamos orientações complementares e comuns, e é por isso que eu, por fidelidade aos amigos que tínhamos na Cabília, tendo feito etnologia, aproximei-me da Cabília, dos vilarejos e das pessoas.

J: *Então você passou vários anos a fazer idas e vindas, ficando em contato com um vilarejo, vários vilarejos, uma família, várias famílias?*

CLD: Um conjunto de vilarejos, mas mais precisamente uma família. Eu tive a chance de ser praticamente adotada por uma família. Uma família que vive entre Paris e os vilarejos *Cabiles*. Assim, eu frequentava a casa dessa família, cujo chefe havia passado toda a vida na França, para resolver o problema de minha presença no vilarejo. Isso porque os homens achavam que eu poderia conversar com as pessoas e ter um projeto não exatamente científico, mas de ter o projeto de falar, de escrever sobre eles. As mulheres não compreendiam o que eu vinha fazer ali. Era muito difícil explicar para elas, mas o chefe de família sobre o qual falei mais acima teve uma idéia genial; ele disse: “é uma filha que tive na França quando por lá vivi”. Era uma ficção, todo mundo sabia que era uma ficção, sem contar que a adoção era proibida no islã, mas, enfim, isso foi admitido, foi uma ficção admitida por todo mundo e, quando eu ia a um vilarejo, eu ouvia dizer: “é a filha de Amar”. Assim eu tive meu lugar, isso me facilitou muito as coisas. Mas isso implica que o etnólogo, em qualquer lugar que esteja, deve ser muito atento ao lugar que ocupa e ao papel que as pessoas o fazem representar. Isso é apaixonante.

18. O Norte da África foi colonizado pelos árabes e as populações autóctones (os *Cabiles*, os nômades do deserto, os beduínos) foram controladas por esses árabes.

19. Grande cidade marroquina.

J: *Você acha que se pode ter uma espécie de objetividade e ocupar uma posição científica sem se comprometer com a sociedade na qual a gente penetrou?*

CLD: O que você está dizendo é muito interessante, pois isso é precisamente um dos grandes problemas dos etnólogos, o de manter uma distância que permita a objetivação, tendo ao mesmo tempo uma certa familiaridade. É por isso que eu acredito que num certo momento se chega a uma espécie de saturação, a ficar muito envolvida; tem-se, então, que tomar mais distância. Por isso penso, ao contrário de um certo número de etnólogos, que uma imersão longa em uma sociedade, sobre a qual falaremos em seguida, nem sempre é favorável a um estudo aprofundado. Se a imersão é boa no início, ao cabo de um certo tempo é bom aproximar-se e afastar-se da sociedade estudada, de maneira freqüente; sem contar que, quando nós retornamos, temos um certo número de questões a serem colocadas. Há etnólogos que se dissolveram praticamente no trabalho de campo, que se fizeram absorver. Pode-se dizer que isso acontece de maneira menos freqüente com as mulheres do que com os homens, isso porque a situação da mulher nem sempre é invejável.

J: *Yves Lacoste, nós ficamos sabendo que você nasceu no Marrocos.*

YL: Foi onde passei minha infância.

J: *Depois, já adulto, você retornou à Argélia, ao Marrocos primeiro, e, depois, à Argélia. Hadjeres nos falou do encontro de vocês, de suas relações; você nos falou do seu trabalho sobre Ibn Khaldun. Camille Lacoste-Dujardin, sua mulher, mantém mais que um contato, pois ela continua a trabalhar na Argélia.*

YL: Ela tem lá, agora, uma família de adoção.

J: *É claro. A importância do Terceiro Mundo em sua obra de geógrafo, Yves Lacoste, continua presente?*

YL: Sim, mas...

J: *Ela é essencial?*

YL: Eu não tenho, em relação ao Terceiro Mundo, uma paixão messiânica.

J: *Você não tem aquela paixão que puderam ter pessoas como François Maspero, que nós encontraremos daqui a pouco e que vai nos falar do princípio da revista Heródote e do tempo da tricontinental. Você não fazia parte desse combate?*

YL: O Terceiro Mundo, quer dizer, o espaço colonial. Afinal de contas, chamemos as coisas pelo próprio nome... eu sou um “colonial”²⁰ de nascimento e me orgulho disso. Eu sou um “colonial” de um tipo particular, e não sou o único, um “colonial” do tipo anti-colonialista. Um dos meus dois mestres, Jean Dresch, que faleceu recentemente²¹ e por quem eu sempre tive uma grande afeição, era, também, um “colonial”. Ele não nasceu no Marrocos, mas para ele o Marrocos foi uma etapa decisiva na sua vida. Ele compreendia muito bem a maneira particular como um grande colonizador, Lyauté, tinha organizado e verdadeiramente estruturado o Estado marroquino. Hoje, a solidez do Estado marroquino advém, ao mesmo tempo, de um sistema tradicional de poder e de um Estado ultramoderno, graças a Lyauté. O geógrafo Jean Dresch era, também, um “colonial” anticolonialista e para ele as duas coisas não significavam de jeito nenhum um dilaceramento entre duas forças. Ele compreendia muito bem por que a colonização tinha sido possível, o que ela tinha trazido, os estragos que ela fez. Mas existem aspectos positivos e negativos, e ele considerava, como eu considero, que a colonização deveria ser uma etapa, sem dúvida penosa, difícil, mas que teria de ser ultrapassada; e, de meu lado, sempre considerei que os povos do Terceiro Mundo deveriam ser orgulhosos de ser marroquinos, argelinos, vietnamitas... Esses eram valores muito fortes no plano político.

J: *Será que essa redescoberta do Magreb – você chegou lá na idade adulta, com uma bagagem intelectual que você não tinha nos dez*

20. As aspas são de autoria do tradutor para bem distinguir o que Lacoste quer dizer quando se diz colonial. Ele faz uma referência ao fato de ter nascido em uma ex-colônia e ser filho de colonos franceses no Marrocos.

21. O ano da entrevista é o de 1994.

primeiros anos de vida no Marrocos – e, ao mesmo tempo, essa herança colonial não contribuíram para que você, mais rapidamente que um outro, entendesse a extrema complexidade do mundo?

YL: Sim, na minha infância aconteceram duas coisas. De um lado, meu pai que era geólogo e dirigia as pesquisas de petróleo no Marrocos e que faleceu em 1942, me deu o gosto pela Geologia, que poderíamos chamar de Ciência da Terra. Quase fui geólogo, mas a Geologia tinha tomado um rumo cada vez mais matemático, com laboratórios, etc., o que não me dava prazer. De outro lado, o Marrocos era, também, quando eu era pequeno, a gente o via muito bem, meu pai me contou, me apresentou, uma forma de realização do espaço onde a decisão de um pequeno número de homens, de militares, podia ter conseqüências consideráveis. Minhas primeiras lembranças de criança são lembranças militares. E penso que, se não estivéssemos no fim dos impérios (publicaram os escritos de Jean Dresch sob esse título: *Um geógrafo no declínio dos impérios*, inclusive foi Camille Lacoste-Dujardin que deu esse título ao livro), provavelmente eu teria sido um militar.

A GEOPOLÍTICA E A NAÇÃO

J: *Então eu compreendo, Yves Lacoste, por que você comanda o exército de Hérodote²² com uma mão de ferro.*

YL: Uma mão de ferro, sim. Enfim, eu penso que efetivamente *Hérodote* é o fruto de um reduzido grupo de pessoas que foram muito ligadas, um pequeno grupo de combatentes, uma estrutura de *commando*. Nós tomamos posições com riscos consideráveis, tomamos posição crítica contra a corporação dos geógrafos, para dizer que a concepção que eles tinham da Geografia era muito restrita, muito acadêmica, e que tínhamos que levar em consideração a ação e tudo que dizia respeito a problemas de poder e de política. No início isso foi considerado como completamente escandaloso. Hoje, alguns dizem: “Oh! *Hérodote* é

uma instituição!” mas é uma instituição que gosta de entrar em conflito com Fulano de Tal, com Sicrano... Nós precisamos de briga e, como dizia Bachelard e outros, um saber científico precisa de polêmica, é assim que as coisas avançam.

J: *Yves Lacoste, em todos esses anos, nesses trinta últimos anos, houve uma espécie de reposicionamento, de reclassificação, novas interrogações. Um bom número de intelectuais, de cientistas, de geógrafos, colocaram-se a questão de saber o que era seu território, seu país, o solo nacional. Todas essas questões que as pessoas colocavam antes sobre outros campos, em outros continentes, começaram, enfim, a ser colocadas para si mesmas nesse fim de século, buscando saber, quem sabe, o que nós devemos fazer de nossas cidades, de nossas regiões, de nossa organização territorial. Será que a nação França existe, ainda, dentro de uma Europa que se constrói? Eu tenho a impressão de que você gosta de aplicar os métodos da Geopolítica ou a análise geopolítica ao regional e ao territorial francês. Há todo o trabalho que você fez, com outros geógrafos, sobre as regiões francesas.*

YL: Sim, há *A Geopolítica das Regiões Francesas*, que publicamos em 1986 em três grandes volumes. Eu acredito que a Geopolítica, tal qual posso formulá-la hoje, são as rivalidades de poderes, de todo tipo de poder, não somente de Estados sobre territórios, mas também as rivalidades de poderes que são o objeto de debates entre cidadãos dentro das nações e no plano internacional. Na análise geopolítica, não há somente o traçado de fronteiras, delimitação do território, acredito que há uma coisa extremamente importante, são as idéias e os valores que se confrontam nessas rivalidade de poderes sobre os territórios e sobre os homens que aí se encontram, evidentemente. Aqui nós tocamos no problema da nação.

J: *Foi por isso que você nos levou a Saint Denis e que fez questão de encontrar Colette Baune²³.*

22. Revista de Geografia fundada por Yves Lacoste em 1976.

23. Ver a primeira parte da entrevista no n.º 1 da revista *Geografares*, p. 7-20.

YL: Foi o ponto inicial dessa representação, pois eu penso que temos que aplicar o termo de representação à idéia de nação. Nós representamos as coisas tais quais elas são, e está longe de mim a idéia de dizer que a representação seria o *factício*, o ilusório, a mentira etc. A representação é algo de muito forte.

J: Não é somente o sorriso da Marianne²⁴?

YL: Não, morre-se pela nação, são valores, idéias, pelas quais se mata e se morre. Eu penso que também os geógrafos, não somente os historiadores, têm um papel muito importante na formação da idéia de nação, pois a nação é uma representação geopolítica. O que eu entendo por isso é que são idéias fortes que permitem mobilizar as pessoas, são idéias carregadas de valores. E, desde o início, é aí que o trabalho de Colette Baunne é muito apaixonante, pois se refere a um território. Quer dizer que a idéia de nação, no início, é essa idéia de que os conflitos, as rivalidades no interior desse território são secundárias em relação ao que existe no exterior, há uma *diabolização* do que é exterior a esse território. Exterior com limites mais ou menos imprecisos (o estrangeiro). Na idéia de nação, a nação se constrói contra os adversários. Quando não há mais adversário para além das fronteiras evidentemente as coisas são complicadas pois existem perigos mais longínquos e as coisas devem ser transformadas...

J: Então, quando você houve a *Marseillaise*²⁵, você vibra?

YL: Ah, sim, completamente!

J: Sabendo que “um sangue impuro ensopou nossos sulcos”²⁶ e que um dos elementos fundadores da nação França foi também Valmy²⁷ e a *Marseillaise*?

YL: Claro, todo ano, eu levo meus alunos notadamente a Valmy, não para fazer uma peregrinação a Valmy, mas para realizar um trabalho de campo. Eu os levo a essa parte Leste da Bacia parisiense, no prolongamento e alargamento espacial lógico desses planaltos onde

nós estávamos, em Saint Rémy (planaltos de Beauce e de Durepois²⁸). No início eles se perguntam: O que é essa história? Por que Lacoste nos traz a Valmy? Eu conto para eles a batalha de Valmy, o que se passou no campo de batalha. Depois, eu acho que eles concluem que não foi uma má idéia ter ido a Valmy.

J: Na Rue des Écoles, Quartier Latin, em Paris, dentro de uma Brasserie.

FRANÇOIS MASPERO (FM): Conheci Lacoste depois da guerra da Argélia. Ele veio me ver a propósito do trabalho dele sobre Ibn Khaldun e rapidamente fez parte das pessoas que, em torno de minhas edições (as Edições Maspero), serviam muito amigavelmente de conselheiros. Havia, da mesma forma, George Haulp, que era historiador do Socialismo, já falecido, havia Pierre Vidal-Naquet e outras pessoas muito próximas. Yves Lacoste e Camille Lacoste-Dujardin aproximaram-se de mim rapidamente, principalmente depois de 1968, quando as edições e a livraria que eu tinha, *La joie de vivre*²⁹, tiveram muitas dificuldades ligadas a um certo número de problemas. Lacoste e sua mulher se dedicaram completamente e militaram para que as edições e a livraria sobrevivessem, criando uma associação dos amigos das Edições Maspero. Graças a eles, em 1973-1974 as edições continuaram, pois se passou uma coisa que acontece de maneira bastante rara com as casas de edição: não somente os autores se mobilizaram, renunciando aos direitos autorais, mas também a associação da qual Lacoste era presidente organizou uma campanha de subscrição; Yves Lacoste e Camille Lacoste organizaram um festival na *Mutualité*³⁰. Num determinado momento, eu acho que em 1974, houve em torno da livraria uma trapaça. Eu tinha decidido, por causa disso, acabar com tudo. Lembro-me muito bem de que Yves Lacoste e Alain Manier, que eram os dois responsáveis pela Associação dos Amigos das Edições, me passaram um sabão para que eu continuasse e não me deixasse abater pelos percalços da livraria. Naquele dia eu disse que continuaríamos a lutar, e, graças a Yves

24. Símbolo feminino da república francesa, reproduzido em bustos e imagens por todo o país. Marianne foi representada por um pintor francês do século XIX, Delacroix, em um célebre quadro que pode ser visto no museu do Louvre, em Paris.

25. Hino francês.

26. A jornalista faz aqui referência a uma estrofe “sanguinária” da *Marseillaise*.

27. A batalha de Valmy foi onde houve a vitória das forças francesas sobre os prussianos, em 1792. Localizada no Departamento do Marne, na Região da Champagne-Ardenne, a leste de Paris, essa batalha marca um momento importante na luta contra a invasão do território francês e foi fundamental para a manutenção da revolução francesa, bem como deu confiança aos soldados do exército francês.

28. Planaltos localizados a sudoeste da região parisiense.

29. O prazer de viver.

30. Célebre sala parisiense localizada na margem esquerda do rio Sena, no *Quartier Latin*, onde se organizaram e se organizam ainda hoje debates e manifestações públicas.

31. No sentido de que provocou um grande rebuliço.

32. Tradução feita do texto original publicado na Revista *Hérodote*: Hérodote – Revue trimestrielle, Paris, n. 1, p. 6-7, jan./mar. 1976.

33. Essas questões a Michel Foucault e as respostas foram publicadas em português, em uma coletânea de textos de Foucault, sob o título *Sobre a Geografia*. Ver Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p.153-165.

34. Grande filósofo francês, falecido em 1984, que trabalhou em múltiplos domínios do saber, e publicou uma epistemologia das ciências (*As palavras e as coisas – Uma arqueologia das Ciências Humanas*), e diversos outros estudos importantes (*Vigiar e punir, Arqueologia do saber etc.*).

35. Efetivamente, no número 3 de *Hérodote*, julho-setembro de 1976, Michel Foucault, depois de ter sido interrogado no primeiro número da revista pelos geógrafos, levantou algumas questões sobre a Geografia. Uma delas, sobre ciência e saber, foi elaborada da forma seguinte: “Se eu compreendo bem, vocês (os geógrafos) buscam constituir um saber dos espaços. É importante para vocês constitui-lo como ciência? Ou vocês aceitariam dizer que o corte que marca o seu (limite) da ciência é somente uma maneira de desqualificar certos saberes, ou de fazê-los escapar à análise? A divisão entre ciência e saber não científico é um efeito de poder ligado à institucionalização dos conhecimentos dentro da Universidade, aos centros de pesquisa etc.”. Parece-me que o sentido que dá Foucault não é o de desqualificar o “saber”, e sim de questionar o estatuto da ciência institucionalizada.

36. Beatrice Giblin é geógrafa e professora da Universidade Paris VIII – Saint Denis. É uma das

Lacoste e Alain Manier, as edições continuaram.

J: *Vocês começaram a revista Hérodote juntos, revista que foi no mundo dos geógrafos uma espécie de Pavé dans la mare*³¹.

FM: Lacoste fez com que as Edições Maspero continuassem, mas ainda tinha que existir uma razão para que elas continuassem. Assim ele me propôs publicar a revista *Hérodote*, isso caiu muito bem, na medida em que o projeto de *Hérodote* dava um sentido à continuação das Edições Maspero. Nós não a fizemos juntos, ele trouxe um projeto, eu o imprimi. Claude Olivier, que era praticamente o secretário de redação quando trabalhava nas Edições Maspero, participou, bem como Émile Copfermann, que trabalhava conosco. Nós nos colocamos à disposição de *Hérodote*, foi uma experiência efetivamente muito interessante. Tenho os primeiros números da revista comigo, o primeiro número é apaixonante. O lançamento de *Hérodote* ocorreu dentro de um contexto *militantista*. Lacoste era muito engajado na luta contra a guerra dos americanos no Vietnã. O primeiro número de *Hérodote* traz na capa a foto (é uma montagem bastante ruim), que Lacoste quis colocar, onde se vê um avião bombardeando um campo de arroz. Esse primeiro número veio com um artigo de Lacoste intitulado “Pesquisa sobre o bombardeio das ilhas de Rio Vermelho (Vietnã, verão de 1972)”, uma visão completamente estratégica da estratégia americana.

Hérodote era uma revista que se colocava efetivamente contra...Eu li o que Lacoste escreveu em seu editorial, é uma verdadeira proclamação, é uma interpelação muito violenta: “Nós acusamos a geografia dominante de ser cúmplice da ordem social/espacial estabelecida, quando ela a legitima ou quando ela a arranja”. E finaliza dizendo: “Nós não reformamos a geografia, nós a voltamos contra nossos adversários. É de uma guerrilha epistemológica que se trata[...]. Essa geografia informando a prática dos militantes, dos sindicalistas, e informada por ela, permitirá aos grupos domi-

nados melhor situar o inimigo, melhor conhecer e melhor escolher o terreno...”³². O que achei apaixonante foi a maneira como foi concebida a redação da revista, pois havia um diretor, um secretariado de redação composto de cinco pessoas e, ainda, um grupo de discussão e, nesse grupo de discussão, havia pessoas que não eram necessariamente geógrafos; claro, havia geógrafos importantes, como Jean Dresch ou Bernard Kaiser, mas também filósofos, como François Châtelet, e mesmo um jornalista engajado, Albert Paul Lentin, e um psicanalista, Alain Manier.

J: *Como você viu evoluir a revista?*

FM: O primeiro número trazia questões³³ para Michel Foucault³⁴, e um ano mais tarde, Michel Foucault enviou questões à *Hérodote* e essas questões eram, na minha opinião, muito a propósito, na medida em que a revista era contra os poderes, e o que eram esses poderes, ou o poder, para o conceito de dominação. Foram essas questões que Foucault enviou à *Hérodote*. Eu acredito que ele evocou, também, o problema, bastante fundamental em um domínio que é o de *Hérodote*, quer dizer, a diferença entre ciência e saber, se Geografia e História são ciências ou são simplesmente saberes³⁵. Essas questões foram evidentemente muito elaboradas. Elas ficaram um pouco sem resposta na medida em que, eu li esse número de *Hérodote*, Yves Lacoste apresentou as questões, os membros do Conselho Editorial responderam, mas somente Yves Lacoste não respondeu. São talvez questões sem respostas.

J: *Beatrice Giblin*³⁶, *há muitos anos que você trabalha com Yves Lacoste, e você esteve junto com ele na criação da revista Hérodote.*

BG: Exatamente, *Hérodote* começou com um projeto na Faculdade de Vincennes³⁷, no pós 1968, e, desde 1973, nós começamos a falar de uma revista de Geografia. Na época, não falávamos de Geopolítica, nós queríamos justamente tirar a Geografia de seu lado um pouco evidente e um pouco bonachão. Nós buscávamos muito e nos interrogávamos sobre o que

é a Geografia, o que isso poderia ser, foi uma longa interrogação: havia a crise da Geografia ou a Geografia da crise? Nós não fomos os únicos a brincar com esse gênero de coisa. Depois houve essa contribuição importante, que nós devemos à Lacoste, que foi o fato de não mais colocar a questão: *O que é a Geografia?*, mas, *Para que serve a Geografia?* e, a partir desse instante, o *Para que serve a Geografia?* teve como resposta: *Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, o famoso pequeno livro azul e não vermelho³⁸. Quando ele o publicou na pequena coleção *Maspero*, ele fez avançar muitas coisas. Houve, assim, a eficácia do projeto da revista. No fundo, as coisas tomavam sentido, porque nós saíamos da Geografia do ensino para passar ao campo de uma Geografia muito mais ligada à ação e ao político. E *Hérodote* continua um lugar de debates, mesmo se, isso é claro, o diretor se chama Yves Lacoste; sobre isso nunca houve dúvida.

J: *Será que 20 anos depois podemos encontrar na revista Hérodote pessoas tão jovens?*

BG: Sim, há pessoas jovens em *Hérodote*. No último número *Democracia e Geopolítica na França*, há vários artigos de jovens pesquisadores que escreveram para *Hérodote*, alguns escreveram seu primeiro, segundo ou terceiro artigo. *Hérodote* quer, e nós queremos, continuar a funcionar com pessoas jovens que têm esse mesmo entusiasmo, pois há uma possibilidade real de poder ser publicado, de poder escrever, de integrar um grupo de trabalho e de reflexão.

J: *A revista mudou?*

BG: Houve sempre uma constante, *Hérodote* foi sempre uma revista temática, nós sempre pegamos um eixo, um tema a ser tratado em cada número. Isso é uma das particularidades de *Hérodote*. De outro lado, o que mudou no fundo foi o campo geográfico, o campo de problemas estudados por *Hérodote* se alargou. Quer dizer, a parte do político tornou-se cada vez mais importante e, também, a parte do ter-

ritório. O estudo de casos precisos, de casos concretos, sempre foi também uma constante. No primeiro número houve o estudo de caso do bombardeio dos diques do Vietnam. Sempre houve estudos de caso em *Hérodote*, quer dizer, uma certa forma de empirismo que foi, inclusive, de maneira freqüente, criticada por muitos de nossos colegas, em nome da ciência. Mas o que é a Ciência Social? Não é melhor tentar compreender as situações e refletir sobre meios de analisá-las, no fundo tomar um pouco a complexidade das situações sobre si mesma e depois tentar decifrá-la? Pois bem, na época, a primazia da economia, que correspondia a uma dominação ideológica marxista, mostrou-se insuficiente. Tomamos consciência de que a instância econômica não permite de dar conta de tudo. Houve, então, um retorno ao político muito forte, e isso explicou a evolução de *Hérodote*, que mudou de subtítulo. O primeiro subtítulo, de 1976 a 1983, era *Estratégias, geografias, ideologias*, e, em 1983, em um número que se intitulou *Geopolítica alemã*, seis anos antes da queda do muro de Berlim, nós abordamos um certo número de problemas. A partir de então, o subtítulo foi modificado e passou a ser *Revista de geografia e de geopolítica*. Lembro que, no primeiro número de *Hérodote*, houve uma entrevista com Michel Foucault. Na época nós tínhamos grandes nomes, e já se utilizava o termo geopolítica. De uma certa maneira, desde 1976, nós utilizávamos o termo geopolítica, hoje todo mundo fala nele. É verdade que o problema se colocava desde o primeiro número de *Hérodote*.

**A PAISAGEM VISTA POR UM
GEÓGRAFO, UM PAISAGISTA
E UM PINTOR**

AC: ALEXANDRE CHEMETOV
(o paisagista)

PJ: PATRICE JOURDAIN (o pintor)

J: *Paul Cézanne*³⁹, a propósito da montanha *Sainte Victoire*, localizada na região de *Provence*, que ele pintou tantas vezes, dizia: *O*

organizadoras de textos do geógrafo francês Élisée Reclus que foram republicados nos anos 1980 e 1990 na França.

37. Universidade criada depois de maio de 1968, localizada num subúrbio próximo de Paris, lugar onde se concentrou a nata do pensamento contestador e inovador da França naquela época. Podemos citar, entre os principais nomes que freqüentavam Vincennes, Michel Foucault, Gilles Deleuze, François Lyotard, Jacques Lacan, François Chatelet e Yves Lacoste.

38. Beatrice Giblin faz referência aqui ao livro: *La géographie, ça sert d'abord à faire la guerre*, publicado na França em 1976, traduzido para o português pela Iniciativas Editoriais, Lisboa, em 1977, com o título *A geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*. No Brasil, foi publicado pela Editora Papirus, Campinas, com o título *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, em 1989.

mesmo objeto, visto sob um ângulo diferente, oferece um objeto de estudo do mais alto interesse e de maneira tão variada que acredito poder cuidar dele durante vários meses sem mudar de lugar, me inclinando ora um pouco à direita, ora um pouco à esquerda. Há 15 anos, Peter Hennequin, fascinado pelo pintor, seus quadros e seus motivos, foi ver a montanha, e sua imaginação começou a girar involuntariamente em volta de um só e mesmo ponto, entre dois rochedos. Ele escreve na Lição do Sainte Victoire: “Esse ponto absolutamente invisível a olho nu não pára de retornar sobre os quadros do pintor como sombra projetada mais ou menos grande; mesmo nos croquis a lápis, esse alargamento é sombreado ou pelo menos traçado de um contorno delicado; foi esse lugar sobretudo que me estimulou a realizar a viagem a Provence.”⁴⁰ Fascinação de uma paisagem, e, para essas representações, interrogações, respostas eruditas ou introspecção. Discurso em torno de uma paisagem, mas o que é uma paisagem?

Um pintor, um paisagista, um geógrafo sob uma árvore acima do Vale de Saint Rémy Le Chevreuse, no Castelo da Madeleine (oeste da Região Parisiense).

YL: Nós dominamos daqui, da borda do castelo, vertentes muito íngremes. Isso levanta uma série de questões: Por que nós temos vertentes arenosas tão íngremes? Por que na França as vertentes voltadas para o norte são muito menos íngremes e são arenosas?

J: *Patrice Jourdain, pintor, Alexandre Chemetov, diante dessa paisagem, acompanhados de um geógrafo, vocês vêem as mesmas coisas e compreendem as mesmas coisas que ele?*

PJ: Não, eu não sou capaz de fazer a mesma análise, isso é evidente. Quando me encontro diante de uma paisagem, eu a olho; quando ela é bela, me dá prazer, mas não é a beleza de uma paisagem que me faz pintar. Eu tenho que senti-la, tem que haver uma espécie de chamada, que eu tenha vontade de pintar. O que busco em uma paisagem, o que sempre busquei, foi uma correspondência com um estado interior, quer di-

zer, visualizar no fundo uma espécie de pequeno teatro psíquico, me ver me vendo, quer dizer que é o “dentro” (o interior de mim) que eu vejo *mise-en-scène*⁴¹ no fora de mim mesmo. Nesse instante eu pinto e desenho.

YL: Para um geógrafo, um pintor é alguém muito interessante, pois ele representa o espaço, desenha o espaço. A Geografia é de uma certa maneira desenhar a Terra, como para o pintor. Os desenhos de paisagem, as pinturas, como você disse de maneira justa, se acompanham de idéias, de valores, de representações outras além das do espaço. Algumas são representações místicas; são sentimentos muito poderosos e, de acordo com as épocas, os sentimentos que provocavam a visão de uma paisagem, dependendo do meio cultural, eram de valores muito fortes, negativos ou positivos.

PJ: Eu faço uma espécie de auto-retrato na paisagem. Acho que isso está ligado à solidão, em oposição ao retrato. Eu tenho a impressão de que as paisagens caminham em mim. A cada vez que pinto paisagens eu tento avançar dentro de um espaço interior que leva a um encontro. Mas o retrato, ao contrário, é uma confrontação...

J: *Assim você escolhe as paisagens?*

PJ: Sim, e ela não é necessariamente bonita. Eu fiz paisagens urbanas, paisagens industriais. Vivi na Itália, realizei paisagens toscanas.

YL: Você já pintou montanhas, vi reproduções de seus quadros que me impressionaram.

PJ: Fui atraído pelas grandes falésias e pelas luzes que se encontram acima delas. Eu gosto muito do *fechamento*, é por isso que as grandes muralhas dos castelos sempre me tocam, eu não gosto do horizonte. De fato eu penso que nós temos ainda paisagens um pouco psíquicas em nós mesmos, isso porque eu gosto de ter a visão bloqueada, isso me envia a mim mesmo.

J: *É por isso que você trabalhou dentro das prisões?*

PJ: Sim, claro, eu as frequentei durante muito tempo; sim, tudo isso se encadeia.

39. Pintor francês que viveu entre 1839 e 1906. Cézanne influenciou muito a pintura moderna (cubistas, abstração, ...) através de uma construção revolucionária, “quebrando” em seus quadros as formas das paisagens, das naturezas mortas e dos retratos.

40. Região do sul da França, localizada na costa mediterrânea onde Cézanne nasceu.

41. *Mise-en-scène* é uma expressão utilizada em francês para designar uma direção teatral, cinematográfica, ou para se referir a uma representação qualquer.

J: *Alexandre Chemetov, você o paisagista...*

AC: O que eu entendo quando se fala de paisagem, como essa que nós temos diante de nós – ademais aqui nós estamos dentro de um lugar protegido, o Vale de Chevreuse –, e que ouço o que diz Yves Lacoste, é que as coisas estão ligadas, que não é somente de um panorama que estamos falando, mas de um estado das coisas que poderia explicar finalmente [...]. Nós compreendemos bem que as coisas estão religadas umas às outras, historicamente e morfologicamente, diferente dos sistemas de objetos nos quais as relações entre as coisas são visíveis. Finalmente, não se explica tudo, a paisagem está ligada sempre a algo que está para além do horizonte, alguma coisa que está para além da simples compreensão que nós podemos ter percorrendo a paisagem com o olhar. Isso envia, evidentemente, à carta, quer dizer, para ler uma paisagem nós precisamos de uma carta. Como você dizia, Yves Lacoste, a Geografia quer dizer desenhar, representar a extensão. Em verdade, nós temos a impressão de que isso pode nos reenviar a sentimentos passados, pois nós nos encontramos dentro de um castelo, vimos a placa de mármore com a citação de Racine⁴² e nós podemos pensar, finalmente, que o que está em jogo no arranjo do território de hoje está muito longe da paisagem que estamos vendo diante de nós. Ora, para mim, o que está em jogo no arranjo do território, quer dizer desses milhões de metros quadrados, é também o fato de como essa compreensão da paisagem como um fato cultural é finalmente herdada. O que é singular nessa paisagem protegida (a palavra, inclusive, de proteção da paisagem é em si uma espécie de contra-senso, pois essa paisagem está em evolução) é a maneira como se dá a ocupação dela, a maneira como ela foi formada, mobiliada, explorada, etc... De repente, nós temos a impressão de que o território é dividido em duas partes, uma protegida e a outra explorada. Ora, a paisagem é bem o conjunto do território!

J: *Quando vínhamos de Paris, Alexandre Chemetov, e seguíamos todo o vale da Bièvre⁴³,*

nós tínhamos dificuldade em imaginar que ali correu um dia um rio, ou que ele corria ainda, mas canalizado, pois ele está camuflado.

YL: O Bièvre é a alegria dos castores.

J: *Nós sentimos nesse momento esse emaranhado de memórias, essa superposição, essa evolução, o impacto da atividade humana em uma paisagem, que não é o que se chama uma bela paisagem, mas é uma paisagem dentro da qual nós vivemos, trabalhamos e dentro da qual nós pintamos.*

AC: Tem-se que saber para que serve uma paisagem, para fazer a guerra?

YL: Aqueles que construíram o castelo aqui escolheram uma bela paisagem...

AC: A questão que podemos reenviar é para que serve a paisagem quando ela não serve para fazer a guerra?

YL: Você é paisagista, a questão que você coloca me interessa muito, eu não quero reduzir seu campo a espaços de pequena dimensão, mas os paisagistas se confrontam há muitos séculos com a arte do jardim, do parque. O parque e o jardim exprimem muitas coisas. E aí há uma verdadeira construção que de uma maneira consciente ou inconsciente encerra uma mensagem, por exemplo, quando nós vemos a ordenação de Versailles⁴⁴, que é uma das maiores realizações de paisagem de jardins.

AC: O arranjo do território interessa também pelo interior.

J: *Versailles poderia exprimir o sonho de autoridade, de ordem real, instaurada por Louis XIV?*

AC: Sim, mas essa autoridade exprime também uma inteligência em relação à paisagem, isso é flagrante dentro de Versailles, e talvez seja mais ainda em Saint Cloud⁴⁵, que ilustra no fundo uma relação com o território e com a Geografia, e isso é o sentido que podemos dar aos jardins à francesa, é uma geometria abstrata, é uma geometria que mantém uma inteligência com o território. Isso faz com que o grande eixo de Versailles não seja estritamente perpendicular em relação ao castelo, e que

42. Homem de teatro e poeta francês que viveu entre 1639 e 1699.

43. Pequeno rio que atravessa a parte oeste da região parisiense e que praticamente desapareceu, tendo sido canalizado.

44. O palácio e os jardins de Versailles, localizados a sudoeste de Paris, foram produto da vontade de Louis XIV, que começou a construí-los a partir de 1660, e se transformaram em sede do poder real francês. Seus jardins foram desenhados por Le Notre. Versailles é hoje um grande museu, e seus jardins são célebres pelas suas formas, estátuas, fontes e lagos artificiais.

45. Parque de Saint Cloud localizado a oeste de Paris e antiga residência real e imperial. O bairro de Saint-Cloud assim como a cidade de Versailles são habitados, hoje, pela alta burguesia parisiense e pelo que resta da nobreza. Uma boa parte do oeste e mais particularmente do sudoeste da região parisiense é constituída dos locais mais “chiques” e mais caros da região parisiense, traduzindo o que o paisagista fala, ou seja, as heranças do passado (dos castelos, das *demeures*) no arranjo territorial de hoje.

o castelo tenha recuperado sobre suas duas asas a simetria impossível do reencontro com a paisagem. Ao mesmo tempo, o traçado de Versailles aconteceu na mesma época da primeira representação mais ou menos exata da França com a triangulação do território. Então, nós vemos que, dentro do jardim, através do que é colocado em obra dentro do jardim, há, igualmente, uma relação extremamente forte com o conhecimento que se tem do território. Isso é verdade em relação à adução de água dentro de Versailles [...], ao traçado do jardim, à utilização direta ou à experimentação que é feita de um certo número de princípios que são levantamentos geográficos. O jardim se transforma, nesse instante, não somente na figuração do poder, mas também num lugar de experimentação de conhecimentos e de ferramentas desses conhecimentos, da forma do território. Na verdade esses jardins ou esses grandes traçados clássicos não são tão desconectados do conhecimento que podemos ter do sítio. Isso quer dizer que há sempre uma relação com o que existe, que é singular no trabalho da paisagem e que para mim estabelece uma ligação extremamente forte com a História e a Geografia juntas. Não é uma obra no sentido estrito do termo, é como uma abstração ou como uma obra cujo ponto de vista levaria absolutamente vantagem sobre a realidade. Não somente de se acomodar da realidade mas de tirar vantagem. É também o que compreendemos aqui de cima deste terraço. Não é, finalmente, somente um ponto de vista, ou é, mas em um sentido bem filosófico do termo. Assim, para colocar em evidência um ponto de vista, há a necessária expressão de um ponto de vista sobre a paisagem. Quer dizer, a paisagem como um ponto de vista sobre

a maneira como pretendemos arranjar o território.

As pessoas se interessam pela paisagem de uma maneira muito forte, em todo caso, de uma forma muito popular. A paisagem é um centro de interesse; fala-se de paisagem protegida, viaja-se para descobrir paisagens... Parece-me que esquecemos um pouco a história das paisagens mais próximas de nós. O que me chama atenção no arranjo do território, no arranjo, por exemplo, da *cidade nova*⁴⁶ de Saint Quentin em Yvelines (localizada a oeste da região parisiense) é que esqueceram que ali existia a nascente do Bièvre; isso, portanto, é um fato anedótico. A questão da paisagem como lugar da fundação das cidades, que explica a forma, bem como a questão da paisagem como lugar a partir do qual se trabalham os jardins. Enfim é isso que me interessa.

YL: O que me chama atenção no pintores é que, durante muito tempo, eles não pintaram paisagens, era algo por que não se interessavam. Isso significa que as pessoas para as quais eles vendiam os quadros não se interessavam também. Existiam a pinturas de paisagens alegóricas que representavam o monte das Oliveiras, Jerusalém, mas isso era puramente emblemático. As verdadeiras paisagens que apareceram foram as das montanhas da China, com formas muito características e que nós encontramos até hoje. Elas chegaram a Veneza, em rolos de papel, através da rota da seda. Em Veneza, nos séculos XIV e XV, os artistas pintavam outras coisas e ficaram admirados com essas pinturas de paisagens; puseram-se, portanto, a retratar paisagens a partir daquele momento.

FIM DA SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA

46. A "cidade nova, *ville nouvelle* em francês, faz parte de projetos de arranjo ou planejamento do território que buscam um *reequilíbrio* da expansão urbana da metrópole parisiense, tentando resolver a questão da migração pendular trabalho/moradia através da construção de um conjunto de cinco cidades no entorno da aglomeração. Esses espaços contam com lugares de moradia, parques, jardins, florestas, instituições públicas e setores de atividades relativamente importantes que empregam uma parte dos moradores das *Villes Nouvelles*.